

O MONUMENTO DO REI MEŠA' DE MŪ'ABA: O LIAME DOS FATOS ENVOLVENDO MOABITAS E ISRAELITAS DO NORTE NA IDADE DO FERRO II*

João Batista Ribeiro Santos**

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar uma contextualização histórica do conflito envolvendo moabitas e israelitas do norte no início da segunda metade do século IX A.E.C., cuja fonte coetânea é o monumento comemorativo das retomadas de cidades por Meša', rei moabita. Inserimos a tradução da inscrição monumental nos seus devidos contextos e, por dizer respeito ao acontecimento, apomos camadas literárias da Bíblia hebraica. Visamos reconstruir aspectos das interações socioculturais presentes nos movimentos vitais dos pequenos reinos levantinos, especialmente trocas materiais no campo religioso – linguagem utilizada na inscrição –, mas também da realidade de intensas disputas de terras. Com isso, lembramos os cento e cinquenta anos da escavação da “estela moabita”.

Palavras-chave: Levante; antigo Israel; Moab; colonialismo; memória cultural.

THE MONUMENT OF THE KING MEŠA' OF MŪ'ABA: THE ENTANGLEMENT OF THE FACTS INVOLVING MOABITES AND ISRAELITES OF THE NORTH IN THE AGE OF IRON II

Abstract: This article aims to present a historical context of the conflict involving Moabites and Israelites from the north at the beginning of the

* Recebido em: 10/06/2019 e aprovado em: 14/08/2019.

** Professor da Escola de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Mestre em História Política (História Antiga) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IFCH/Uerj), mestre e doutor em Ciências da Religião (Literatura e religião no mundo bíblico) pela Universidade Metodista de São Paulo (Eceh/Umesp). Pós-doutorando em História (História Antiga) na Universidade Estadual Paulista (FCL/Umesp-Assis). Nesses domínios das Ciências Humanas tem pesquisado fontes artefactuais e literárias dos períodos arqueológicos da Idade do Bronze Tardio e Ferro I-II, identificadas no Levante (povos aramitas e israelitas do norte).

second half of the 9th century B.C.E., whose contemporary source is the monument commemorating the retakes of cities by Meša', Moabite king. We insert the translation of the monumental inscription into its proper contexts and, as far as the event is concerned, we take literary layers of the Hebrew Bible. We aim to reconstruct aspects of the sociocultural interactions present in the vital movements of the small Levantine kingdoms, especially material exchanges in the religious field – language used in the inscription –, but also of the reality of intense land disputes. With this, we remember the one hundred and fifty years of the excavation of the “Moabite stele”.

Keywords: *Levant; ancient Israel; Moab; colonialism; cultural memory.*

Contextos introdutórios ao monumento

A assim chamada estela de Meša' (**fig. 1**) é a mais importante fonte da mobilidade israelita em região levantina da Transjordânia,¹ onde estão documentados os assentamentos controlados por Israel Norte em Mô'ab no período da dinastia omrida. O documento monumental foi descoberto em Dhiban (antigo Dibon), na Transjordânia, em 1868 E.C., numa história que envolve como protagonistas um missionário alsaciano (Frederick Klein), um diplomata parisiense (Charles Clermont-Ganneau), um cristão jerosolimita, além de uma tribo de beduínos transjordanianos (Ben Hameidah) e vários pesquisadores com fomento britânico que tiraram proveito de éditos de abertura aos europeus decretados em 1839 e 1856 E.C.

A inscrição está em linguagem moabita (considera-se ainda que seja paleo-hebraico israelita), conta com pelo menos 34 linhas e tem recebido datação de cerca de 835 A.E.C.² Nesse documento consta a celebrativa retomada moabita daqueles territórios no reinado de Yēhū', ou seja, são 34 linhas de “inscrição comemorativa, composta para a dedicação do santuário que o rei Meša' construiu em Qerihó”, lembra as conquistas do rei e dedica as vitórias ao deus Kamāš (heb.: Kāmōš) (HASEGAWA, 2012, p. 51).³ “Com a estela de Meshah, pela primeira vez, a epigrafia forneceu uma história comparável a um capítulo da Bíblia. Um texto antigo ou mais do que as fontes usadas por alguns escritores bíblicos, escrito logo após os eventos e encontrado *in situ*” (RICHELLE, 2018a, p. 70). A favor da similaridade da escrita moabita com o paleo-hebraico, contam os sinais caracteristicamente atribuídos às inscrições fenícias, a capacidade escribal para redigir longos textos historiográficos⁴ e a forma escritural cursiva.

Mas a inscrição não é algo peculiar, a sua forma é comum a outras inscrições do século IX A.E.C. no antigo Oriente-Próximo; é relativamente rara se considerarmos o Levante e a escritura alfabética. Baseado no fato de que as cidades nomeadas na inscrição fazem parte do reino de Mō`āb, Lawrence Mykytiuk (2004, p. 104), mapeando a expressão “terra de Mehadabah”, nas linhas 7–8, localizou o território de Mō`āb num platô próximo do mar Morto.

Epigrafia e o liame dos fatos

Introdução e identificação (linhas 1–3a)

*Eu sou Meša', o filho de Kamāš [-yat], o rei de Mō`āb, o d[ibonita].
Meu pai era rei sobre Mō`āb por trinta anos, e eu era rei depois do meu pai.*

Ocasão para a ereção da estela (linhas 3b–4)

*E eu construí este lugar alto para Kamāš em Qarḥoh,
[...]
porque ele me libertou de todos os reis,
e porque ele me fez olhar para todos os meus inimigos.*

Introdução à parte sobre conquistas militares (linhas 5–7a)

*'Omrī era o rei de Israel,
e ele oprimiu Mō`āb por muitos dias,
pois Kamāš estava bravo com sua terra.
E seu filho sucedeu a ele,
e ele disse – ele também –
“Eu vou oprimir Mō`āb!”
Em meus dias, ele disse en[tão].
Mas eu olhei para ele e em sua casa,
e Israel foi para a ruína, sim, foi para a ruína para sempre!*

O retorno à terra de Madaba' (linhas 7b–9)

*E 'Omrī tomou posse de to[da a te]rra de Madaba',
e ele morou lá (nos) seus dias e metade dos dias de seu filho, quarenta anos,
mas Kamāš [restau]rou nos meus dias.
E eu construí Ba'al Meon,
e eu fiz nela um reservatório de água,
e eu construí Kiriathaim (Qiryaten).*

A conquista de Atarot (linhas 10–13)

*E os homens de Gad viveram na terra de Atarot desde os tempos antigos,
e o rei de Israel construiu Atarot para si mesmo,
e eu lutei contra a cidade,
e eu a capturei,
e eu matei todo o povo da cidade como um sacrifício para Kamāš e para
Mô'āb, e trouxe de lá a lareira do altar (o Deus/rei) (אֱלֹהֵי דְדָדָה), e eu o
levantei diante do rosto de Kamāš em (minha) cidade (Keriot),
e eu fiz [matei] os homens de Sharon que vivem lá, assim como os homens
de Maharit.*

A destruição de Nebo (linhas 14–18a)

*Agora Kamāš me disse:
“Vá, tire Nebo de Israel!”
E eu fui na noite,
e eu lutei contra ele desde o início até o meio dia,
e eu peguei isso,
e eu matei toda [sua] população,
sete mil homens e jovens,
e mulheres e garotas, escravas;
pois eu consagrei a 'Aštar- Kamāš ('štr kmš).
E de lá, eu peguei o[s uten]sílhos de Yhwh,
e os levantei diante do rosto de Kamāš.*

A conquista de Yahaz (linhas 18b–21a)

*E o rei de Israel construiu Yahaz,
e ele permaneceu lá durante suas campanhas contra mim,
mas Kamāš o conduziu diante de meu rosto,
e eu peguei duzentos homens de Moab, toda a sua divisão,
e eu levei até Yahaz.
E eu tomei isso para adicioná-lo ao Dhiban.*

Atividades de construção de Meša' em Qarḥoh (linhas 21b–25)

*Eu construí Qarḥoh,
o muro dos bosques e o muro da cidadela,
eu construí seus portões,
eu construí suas torres,*

*eu construí a casa do rei,
eu fiz as paredes de retenção do reservatório [da fon]te dentro da cidade.
Lá não havia cisterna dentro da cidade, em Qarḥoh,
e eu disse a todo o povo:
“Faça, cada um de vocês, uma cisterna em sua casa”.
Eu cortei o fosso de Qarḥoh por meio de prisioneiros de Israel.*

Outras atividades de construção (linhas 26–27)

*Eu construí Aroer,
e eu fiz a estrada militar no Arnon.
Eu construí Bet Bamot,
pois foi destruída.
Eu construí Bezer,
pois [estava em] ruínas.*

Primeira conclusão (linhas 28–29)

*[E os home]ns de Dhiban estavam em ordem de batalha, para todos os
Dhiban, estavam sujeitos.
E eu sou o ref[i sobre as] centenas nas cidades que eu anexe[i] à terra (país).*

Outras atividades de construção (linhas 30–31a)

*Eu construí [o templo de Mada]ba
e o templo de Diblathaim
e o templo do Baal Meon,
e eu carreguei lá [seus] ob[jetos sagrados e os melhores] rebanhos da
terra.*

Batalha de Horonaim (linhas 31b–34)

*Agora Horonaim, lá vivia [h]dw[d]/dw[d t]b..
e Kamāš me disse:
“Desça, lute contra Horonaim!”
Eu desci [...]
[e] Kamāš [restau]rou nos meus dias.
E [...] de lá [...]
[...]*

Segunda conclusão (linha 34–)

E eu ...⁵

Em inscrição hebraica atual, na linha 1 consta a autoria:

אֲנִי מֶשָׁא בֶן כַּמָּשׁ מֶלֶךְ מֵאֵב הָרִ"א

("Eu sou *Meša'*, filho de *Kamāš*,⁶ o rei de *Mô'āb*, o d").⁷

E na linha 7, a inscrição refere-se à queda da *Bêt 'Omri*:

וְאָרָא בַהּ וּבִבְתֵּהּ וּיִשְׂרָאֵל אֶבֶד אֶבֶד עַלְמִים

E olhei para ele e para a sua casa, e Israel pereceu, pereceu para sempre").

Figura 1



Documento monumental do rei *Meša'* (RICHELLE, 2018a)

“As palavras da inscrição são separadas por pontos e, em alguns lugares, por pequenos traços perpendiculares” (NA’AMAN, 2007, p. 150), e é produto de um quadro político específico – os conflitos envolvendo pequenos reinos levantinos num plano de fundo de expansão territorial. Na primeira parte, à maneira de síntese, o rei depõe a legitimidade do seu governo e sua devoção a Kamãš e depois, na segunda parte, narra a história; típico dos reis do antigo Oriente-Próximo, ele apresenta-se maior do que os seus predecessores como guerreiro, conquistador e fundador de religião templar. Mesmo da perspectiva da memorabilia, o monumento cumpre função arquivística porque é “determinado por referências históricas explícitas, por afirmações teológicas, pelo elemento teofórico ‘Kemosh-’ no nome do pai de Mesha, e pela sua proveniência: moabita” (MYKYTIUK, 2004, p. 100).⁸ Quanto ao que diz respeito à referencial expressão “a sua casa”, tem-se em vista a *Bêt ‘Omri*, nomeadamente Israel. Na inscrição inexistente referência à figura do rei israelita. Baseado na datação histórica do documento, trata-se da dinastia omrida, mais precisamente do período do reinado de Yəhōrām filho de ‘Aḥ’āb – devendo ser colocado em paralelo textual com a narração das ações de Yēhū’.

Como dados típicos, Niels Peter Lemche (1998, p. 44) destaca a similaridade entre as numerosas pessoas, divindades e localidades mencionadas na inscrição moabita em relação à Bíblia hebraica. Estão presentes as divindades supremas, Kamãš em Mō’āb e Yhwh (bab.: *Ia-a-ma* = *Yaw*, *Yahwe* = *yh*), em Israel. Lemche é um dos poucos pesquisadores a lembrar o debate acerca da ainda controversa veracidade do documento do rei Meša’, amplificada pelas “muitas ambiguidades concernentes às circunstâncias da descoberta da inscrição”, sem negar o seu valor como uma fonte para Israel na Idade do Ferro. Destarte, as mais sérias ambiguidades, se assim podemos enunciar, são de referenciais:

O fato de Mesha não fazer menção a Ahab, que de outra forma era uma figura bem conhecida do período (...), provavelmente revela que ele era bastante ignorante das condições no reino de Israel em seus dias. A menção do rei Omri pode, portanto, nessa inscrição não ser evidência sólida da existência de um rei deste nome, mas simplesmente uma referência ao fundador apical do reino de Israel. “Rei Omri” de Israel pode ser o único “rei” israelita conhecido por nome por Mesha, simplesmente porque Israel era naqueles dias

frequentemente ou normalmente chamado de “Casa de Omri”. Isso pode ser de alguma importância para a data exata da inscrição de Mesha. “Omri” na inscrição de Mesha pode ser apenas uma referência ao nome dinástico do Estado de Israel. Não precisa se referir a um rei deste nome. Se assim for, a menção de “seu filho” pode envolver qualquer rei de Israel até a destruição de Samaria, já que este termo “Casa de Omri” parece ter sido um nome atual do reino também após a queda da dinastia omrida em si. Nessa conexão, não se deve esquecer que os assírios reconheceram Jehu como se fosse um filho de Omri. (LEMICHE, 1988, p. 45)

Por essa avaliação, nos limites da reconstrução, a temporalidade não permite uma explanação lendária dos acontecimentos, ainda que se reconheça a sequência de quarenta anos aos reinados de ‘Omrî e ‘Ah’âb como informação improvável.⁹ Permanece em ordem a observação de que o documento de Meša’, mesmo que indiretamente, também é concernente às relações entre Israel e o reino unido de ‘Ārām-Dammešeq, sobre o qual faz alusão à perda territorial sofrida pelos israelitas nos reinados de Yōhōrām e Yēhû’, refletindo assim o declínio de Israel no reinado jeuíta. A narração documental hebraica¹⁰ contribui com o registro do estado de vassalagem de Israel sob ‘Ārām-Dammešeq; o documento moabita indica que a expansão desse reino ocorreu na segunda metade do século IX A.E.C., com a consequente retomada de terras israelitas na Transjordânia:

Jehu subiu ao trono em 841 A.E.C. e possivelmente pagou tributo a Shalmaneser III em Ba’li-ra’si no mesmo ano. Após a retirada assíria da Síria, especialmente depois de 829 A.E.C., Hazael começou a invadir Israel. Como um resultado, o território israelita a leste do Jordão foi conquistado por Aram-Damasco, Moab e, possivelmente, também por Ammon. A situação de Israel não mudou quando Jehu foi sucedido por Joahaz em 814 AEC. Durante o reinado de Joahaz, Hazael e seu filho Ben-Hadad continuaram oprimindo Israel. (HASEGAWA, 2012, p. 105)

Mykytiuk cruza as fontes do século IX A.E.C. para concluir que a inscrição moabita enuncia realmente o rei ‘Omrî e Israel. Para ele, a inscrição

deixa claro que o reino de Omri era israelita. As inscrições do conquistador assírio Shalmaneser III (c. 858–824) referem-se a ^ma-ḥa-ab KUR sir-’a-la-a-a, “Ahab o israelita” e a ^mia-ú-a DUMU

”ḥu-um-ri-i, “Jehu, filho de Omri”. Uma inscrição de Adad-nirari III (c. 810–783) refere-se a KUR ḥu-um-ri-i, “terra de Omri”; outras inscrições reais assírias também se referem a esse território usando o nome de Omri. A inscrição Mesha fornece um link claro entre a terra de “Ahab o israelita” e “terra de Omri” em sua declaração de que “Omri era o rei de Israel” (linhas 4–5). Assim, a nível de um grupo político, esta inscrição fornece o link que certifica a existência de Israel no século nove (linhas 5, 7, 10–11, 14) como o reino de Omri e sua dinastia. (MYKYTIUK, 2004, p. 102)

Posteriormente, Lemaire (2007, p. 136) e Na’aman (2007, p. 149-150) compararam a inscrição monumental com outras inscrições do antigo Oriente-Próximo e, ao classificarem como um monumento real comemorativo, identificou-se a construção do templo por Meša’ em Qarḥoh. O rei Meša’ conquista a terra de Madaba’, ao sul de Ammōn e ao norte de Dhiban (linhas 7–8); ‘Aṭarot, identificada com Khirbet ‘Atārūz, ao norte de Dhiban (linhas 10–11); Nəbō (Nībū), identificada com Khirbet al’Mukkhayat (linhas 14–18); Yahaz, um platô vizinho a Dhiban (linhas 18–20); e Horonaim, não seguramente ao sul do ‘Arnōn (linhas 31–32). André Lemaire data o documento em cerca de 810 A.E.C. e Nadav Na’aman, com razoável intervalo para periodizações arqueológicas, entre 841–814 A.E.C. A dificuldade em relação à datação deve-se à contínua expansão territorial empreendida por Meša’, mesmo após ter composto o registro documental das primeiras anexações. O documento registra o avanço de Mō’āb contra Israel após a morte de ‘Aḥ’āb, cujo poderio é atestado por anais neoassírios de Šulmānu-ašaridu, confirmado apenas implicitamente na inscrição de Meša’. “Logicamente, Ahab foi o terceiro homem em Qarqar. Nesse caso, um ataque israelita do território aramita deve ser colocado antes de Qarqar e atribuído a um dos dois reis mais fortes de Israel” (GHANTOUS, 2013, p. 53), isto é, ‘Omrī ou ‘Aḥ’āb – o primeiro ainda conquistou *Bēt Reḥōv*, e o segundo, foi um dos líderes da coalizão antiassíria. Perspectivamente,

a inscrição de Mesha afirma que Dibon era seu local de nascimento, a cidade de seus ancestrais, e é óbvio que foi uma cidade moabita a partir do surgimento do novo conjunto de reinos no início do primeiro milênio AEC. Parece que Gad era uma grande tribo cujas famílias e clãs se estabeleceram nas cidades de Mishor, entre o Arnon e Wādi Nimrin, desde os tempos antigos. Após a ascensão

do novo conjunto de reinos no primeiro milênio A.E.C., a tribo foi dividida em duas partes – sua parte setentrional foi incorporada no reino de Israel e sua parte meridional no reino de Moab. Exemplos de tribos que estão sendo divididos entre dois reinos ou Estados vizinhos são bem conhecidos em períodos anteriores e posteriores, e o quadro que emerge da inscrição de Mesha e da historiografia bíblica não é excepcional. (NA'AMAN, 2007, p. 153)

A transformação mapográfica funciona como um elemento para destacar a atuação do rei Meša'. Ele age por iniciativa própria contra as bases israelitas na Transjordânia e consciente de que mais tarde se tornaria submetido a Hāzāh'ēl, já que este tem em mira a Transjordânia e o sul do Mediterrâneo? O trecho da inscrição que diz respeito diretamente ao Israel Norte não nos permite essa perspectiva:

Omri era rei de Israel, e oprimiu (y'nw) Mō'āb por muitos dias, porque Kamāš estava irado com a sua terra. E seu filho o seguiu, e ele também disse: “Eu vou oprimir Mō'āb!”.

No meu dia, eu disse “[]”.

Mas eu vi sobre ele e sua casa, e Israel perdeu para sempre.

Agora, 'Omri tinha possuído [ter]ra de Madaba', e tinha habitado nele o seu dia e a metade dos dias do seu filho, quarenta anos.

Mas Kamāš o restaurou (yšbh) no meu dia. (Fragmentos das linhas 5–9)¹¹

A narração combina as linguagens retórica e figurativa (seguida pelo narrador de 2Reis 13.22-25 para descrever a restauração do Israel Norte na época do reinado do sucessor de Hāzāh'ēl, Ben-Hādad). Hasegawa (2012, p. 105) data a morte do rei Meša' entre 820–810 A.E.C., ressaltando que a grande expansão de Mō'āb na região do mar Morto é melhor localizada no contexto da expansão aramita na região da Transjordânia durante o reinado de Hāzāh'ēl. É o que pensa também Na'aman (2007, p. 156), acrescentando a expansão ao norte. A fonte apresenta Meša' como um rei fortemente empenhado nas construções públicas – ele constrói as cidades de Qiryatēn, Ba'l-Maon, Qarhoh e 'Ārō'ēr, reservatórios de água e paredes da acrópole inferior e da acrópole superior, a construção de portões, torres, palácios e rodovias (fig. 2).¹²

Embora as inscrições da campanha babilônica e assíria sejam semelhantes à estela de Mesha em seu uso da primeira pessoa, em hipérbole e tendenciosidade, as semelhanças com inscrições de campanha não se limitam a tais elementos da retórica. A estela de Mesha parece ainda mais especificamente ligada a narrativas dramáticas, destinadas a exibição monumental. Tais narrativas centram-se nas façanhas do rei e incluem o tema da guerra como um entre vários elementos temáticos. Ao narrar os feitos do rei, esses textos falam de dentro de um contexto intelectual que pode ser chamado de “ideologia real”. (THOMPSON, 2007, p. 241)

De modo geral, sempre fez parte da agenda ideológica das narrativas palaciais o aspecto religioso, no qual destaca-se, mesmo sem nenhuma conexão com a divinação, a piedade do rei. É nessa dinâmica relacional que a divindade Kamāš é alçada como sujeito das mudanças sociais em Mō`āb, mas isso ocorre considerando o piedoso Meša' como filho e sucessor de alguém que reinou por trinta anos e tem como prenome a divindade local. E não foram poucos os empreendimentos do rei moabita – além de estradas e cidades com muros, portões, torres, etc., os reservatórios de água se destacam como estratégia de defesa num sistema de suprimentos para manter a população assentada. Com a retomada de antigas cidades, a construção dos sistemas de água em Ba'al Meon, Qarḥoh e Dhiban foi uma das primeiras providências reais tanto como construção pública quanto como parte dos ambiente domésticos:

Linha 9a: E eu fiz nela [Ba'al Meon] um reservatório de água (h'šwḥ).

Linhas 23–25/26:

Eu fiz as paredes de retenção do reservatório [da fon]te dentro da cidade (h'šw[h lm]yn bqr[b]).

Lá não havia cisterna dentro da cidade, em Qarḥoh,

e eu disse a todo o povo:

“Faça, cada um de vocês, uma cisterna em sua casa”.

Eu cortei o fosso de Qarḥoh por meio de prisioneiros de Israel.

Na cidade de Qarḥoh, o rei constrói jardins reais, complexo administrativo e o sistema de água – paredes ou túneis de retenção e reservatório para

o abastecimento local. Na cidade de Dhiban, as evidências arqueológicas, segundo Jonathan Kaplan (2010, p. 29), testemunham a “construção de monumentais sistemas de água durante o século IX A.E.C.”. No entanto, como sublinha Kaplan, para grafar a construção o escriba (ou os escribas) usa termos diferentes quando se refere a Ba‘al Meon (’šwḥ) e a Qarḥoh (*mkrtt*), o uso gráfico moabita poderia ser também *mkrt*.

Quanto às disputas por terras, ficamos sabendo que a dinastia omrida controlou territórios moabitas, administrando Madaba’, durante os trinta anos e mais a metade do reinado de Meša’, ou seja, durante quarenta anos. Na publicação do documento, para a certeza dos moabitas, Kamāš, no exercício do patronato divino, possibilita a Meša’ exterminar sete mil israelitas e apropriar-se de mais de cem cidades.

Em adição, a perspectiva histórico-teológica do escriba não apenas confere legitimidade divinatória aos atos reais, mas também realça o cenário!

Conclusão

O documento elucida mais evidências sobre a estrutura monárquica israelita, perspectivamente imperialista segundo o ponto de vista moabita de poder. Assim, até o período do reinado de ’Aḥ’āb, o Israel Norte é visto com características de “grande reino”, as reconquistas moabitas indicam a inabilidade do novo governante ou nova dinastia israelita em manter o controle das cidades. A partir do reinado de Yēhû’, como reflexo da fragilidade política dele, ocorre a desterritorialização. Outro aspecto da retomada territorial consiste na identificação de Meša’ como “homem de Gād” no monumento. A guarnição de Meša’ é formada por “homens de Gād”, o que nos remete à tribo de mesmo nome mencionada na Bíblia hebraica. Com isso, o documento moabita permite-nos um cenário histórico-mapográfico e sobrepõe-se à retroprojeção operada nas redações finais da Torah¹³ ao informar que, antes do reinado de ’Omrî, o território gadita, a leste do rio Jordão fronteiro com Ammōn, pertencia a Mō’āb. No início do século IX A.E.C., ’Omrî conquistou a região e construiu a cidade de ’Aṭarot.

No monumento, entre as linhas 14–18:

pois eu consagrei a ’Aštar-Kamāš.

E de lá, eu peguei [os uten]sílios de Yhwh,

e os levantei diante do rosto de Kamāš.

Esse breve registro da destruição do santuário de Yhwh, erigido no território moabita de Nəbô (Nībū), marca um aspecto da ideologia da guerra; a vitória contra Israel Norte é interpretada ao mesmo tempo como a vitória de Kamāš contra Yhwh – deuses patronos de seus respectivos reinos –; isso é o que nos faz constatar a pilhagem do santuário e os objetos cúlticos levados em procissão para o novo templo de Kamāš, em Madaba⁷. Narrativas hebraicas dos séculos VIII–VII A.E.C. atestam procedimentos israelitas semelhantes aos moabitas, para o caso de *ḥērem*.¹⁴

Referências bibliográficas

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (Hrsg.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. Aufl. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

GHANTOUS, Hadi. *The Elisha-Hazael paradigm and the kingdom of Israel: the politics of God in ancient Syria-Palestine*. London: Acumen Publishing, 2013.

HASEGAWA, Shuichi. *Aram and Israel during the jehuite dynasty*. Beihefte zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft. Band 434. Berlin: Walter de Gruyter, 2012.

KAPLAN, Jonathan. The Mesha Inscription and Iron Age II water systems. *Journal of Near Eastern Studies*, Chicago, v. 69, n. 1, p. 23-29, 2010.

KUHRT, Amélie. *El Oriente Próximo en la Antigüedad: c. 3.000–330 a.C. V. 2: c. 1.200–330 a.C.* Trad. Teófilo de Lozoya. Barcelona: Editorial Crítica, 2014.

LEMAIRE, André. The Mesha stele and the Omri dynasty. In: GRABBE, Lester L. (ed.). *Ahab agonists: the rise and fall of the Omri dynasty*. London: Bloomsbury, 2007, p. 135-144.

LEMICHE, Niels Peter. *The israelites in history and tradition*. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1998.

MYKYTIUK, Lawrence J. *Identifying biblical persons in Northwest semitic inscriptions of 1200–539 B.C.E.* Atlanta, GA: SBL Press (Society of Biblical Literature Archaeology and Biblical Studies), 2004.

NA'AMAN, Nadav. Royal inscription versus prophetic story: Mesha's rebellion according to biblical and moabite historiography. In: GRABBE, Lester L. (ed.). *Ahab agonists: the rise and fall of the Omri dynasty*. London: Bloomsbury, 2007, p. 145-183.

RICHELLE, Matthieu. La “reine des inscriptions sémitiques”. In: *Journées européennes du patrimoine 2018 au Collège de France*. 15 et 16 septembre 2018.

Exposition “Mésa et la Bible: quand une pierre raconte l’Histoire” – la stèle de Mésa et l’histoire de l’écriture. Paris: Collège de France, 2018a, p. 68-71.

_____. Une famille d’alphabets. In: *Journées européennes du patrimoine 2018 au Collège de France*. 15 et 16 septembre 2018. Exposition “Mésa et la Bible: quand une pierre raconte l’Histoire” – la stèle de Mésa et l’histoire de l’écriture. Paris: Collège de France, 2018b, p. 72-77.

ROLLSTON, Christopher A. Epigraphy: writing culture in the Iron Age Levant. In: NIDITCH, Susan (ed.). *The Wiley Blackwell companion to ancient Israel*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2016, p. 131-150.

SANTOS, João Batista Ribeiro. Tempo e memória do passado: apreensão de culturas por meio de experiências. In: _____. *Primeiro Testamento: estudos teóricos e exegéticos*. São Bernardo do Campo: Editora da Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo, 2018, p. 47-72.

SMELIK, Klaas A.D. Moabite inscriptions: the inscription of king Mesha (2.23). In: HALLO, William W. (ed.). *The Context of Scripture*. V. 2: Monumental inscriptions from the biblical world. Leiden: E. J. Brill, 2000, p. 137-138.

THOMPSON, Thomas L. A testimony of the good king: Reading the Mesha stele. In: GRABBE, Lester L. (ed.). *Ahab agonists: the rise and fall of the Omri dynasty*. London: Bloomsbury, 2007, p. 236-292.

YOUNGER JR., K. Lawson. *A political history of the arameans: from their origins to the end of their polities*. Atlanta, GA: SBL Press (Society of Biblical Literature Archaeology and Biblical Studies), 2016.

Notas

¹ A série de informações à maneira de anais está num documento de 34 linhas gravadas na face da “Pedra Moabita”, um bloco de basalto de, aproximadamente, 1.15 metro de altura e 60-68 centímetros de largura (SMELIK, 2000, p. 137-138; MYKYTIUK, 2004, p. 95).

² A datação, no entanto, continua motivo de pesquisas. Para Smelik (2000, p. 137), entre 840–820; para Lemaire (2007, p. 141-142), cerca de 810.

³ Para uma localização atual do monumento, em 1873 as peças moabitas foram enviadas ao Musée du Louvre, em Paris.

⁴ “Os textos do segundo milênio são geralmente muito breves (algumas palavras) e o uso do alfabeto ainda não parece seguir regras padrão; nós podemos especial-

mente escrever as letras em qualquer sentido” (RICHELLE, 2018b, p. 73-74). Na verdade, a “padronização” escribal no Levante tem início em cerca de 1200 com o sistema escriturário dos palácios canaanitas, cuja escrita cuneiforme fora utilizada numa época em que a comunicação diplomática era elaborada na língua acádia.

⁵ A tradução foi baseada nas reconstruções de Nadav Na’aman (2007, p. 146-149) e de Klaas A.D. Smelik (2000, p. 137-138), e a revisamos a partir de algumas transliterações possíveis de realizar. Consideramos a transliteração realizada por Na’aman como a mais próxima dos caracteres do monumento, e contamos também a síntese, mas importante, da pesquisa realizada por Lemaire (2007).

⁶ A Bíblia hebraica refere-se aos moabitas como “povo de *Kamāš*”. Cf. Números 21.29; 1Reis 11.7, 33; 2Reis 23.13; Jeremias 48.7, 13, 46. Em todas as citações de versículos ou camadas literárias da Bíblia hebraica, no idioma original ou por nós transliterados e traduzidos, utilizamos a edição de Elliger; Rudolph (Hrsg.), 1997.

⁷ Possivelmente a consoante “d” no final da frase indique a cidade de Dhiban, que pode ter sido a capital de Mō’āb; nesse caso, o rei Meša’ seria um dibanita (MYKYTIUK, 2004, p. 101).

⁸ O nome do pai de Meša’ contém o elemento teofórico, *kmšyt*, *Kamāš-yatti*.

⁹ ‘Omri reinou vinte anos (1Reis 16.23) e ‘Aḥ’āb reinou vinte e dois anos (1Reis 16.29). Reconhecemos a dificuldade de periodizar eventos no mundo antigo, tema ao qual nos dedicamos recentemente (cf. SANTOS, 2018).

¹⁰ Cf. 2Reis 10.32-33; 13.3-7, 22. Amélie Kuhrt (2014, p. 111) notou a aspecto propagandístico do documento de Meša’.

¹¹ Traduzimos de Younger (2016, p. 636).

¹² Christopher A. Rollston (2016), ao pesquisar documentos monumentais do Levante, destaca as obras públicas realizadas por vários reis.

¹³ Em um registro considerado antigo, o livro dos Juízes 5 desconhece Gād quando enumera as tribos da Transjordânia.

¹⁴ Para uma leitura na Bíblia hebraica: 1Samuel 15.2-3 e 1Reis 9.20-21. Além disso, os historiógrafos deuteronômicos tinham conhecimento de que *Kamāš* era o deus tutelar de Mō’āb (1Reis 11.7, 33; camadas literárias da Antiguidade Clássica: 2Reis 23.13; Jeremias 48.7, 13, 46), adorado também em Ammōn (Juízes 11.24).